

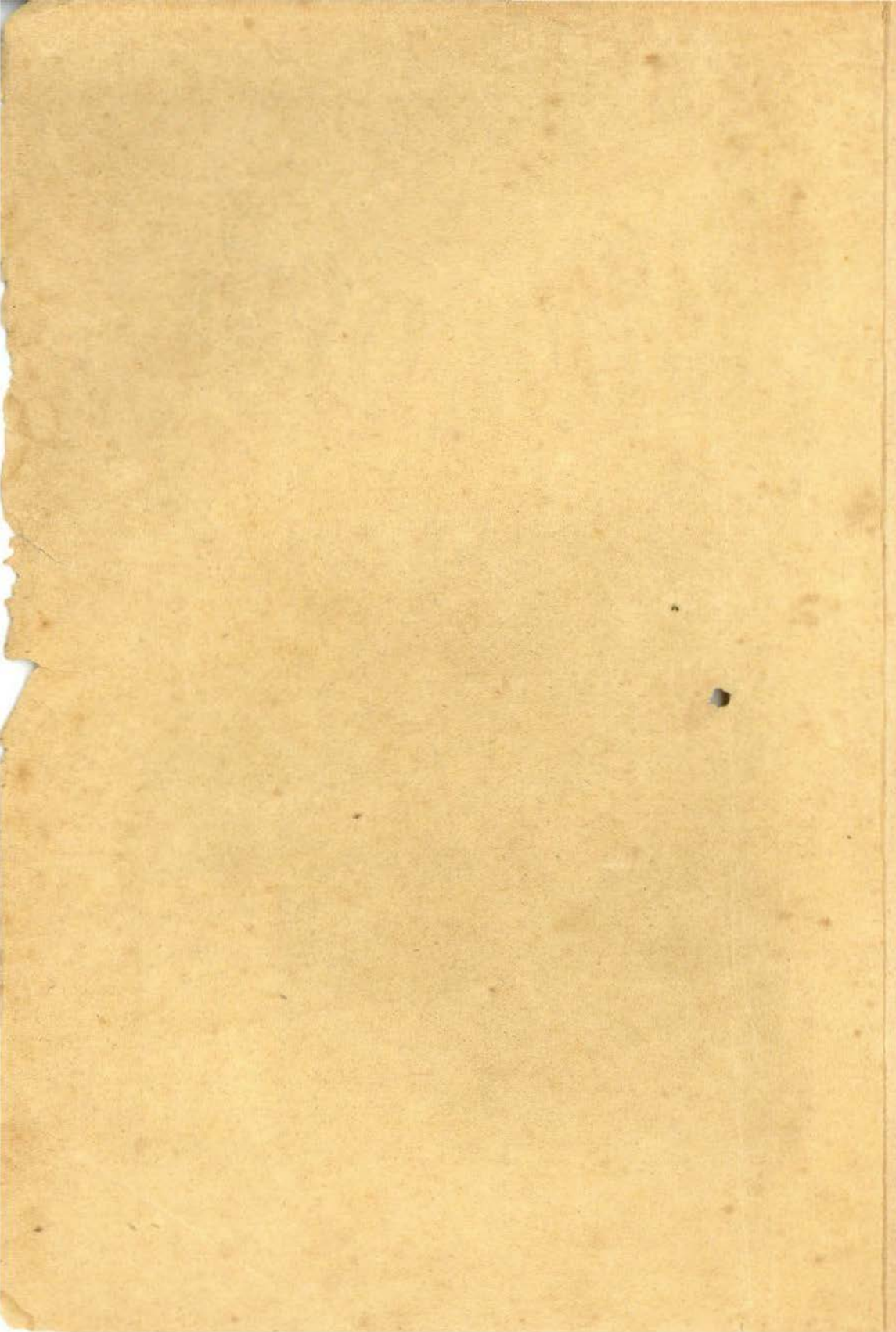
ORTIGÕES

POR
URBANO
LOUREIRO



OUTUBRO
DE
1876

—
N.º 1



URBANO LOUREIRO

ORTIGÕES

CHRONICA DO MEZ — PERFIS DIVERSOS
—SATYRAS DA ACTUALIDADE

N.º 1

OUTUBRO DE 1876

PORTO
LIVRARIA CIVILISAÇÃO DE EDUARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR
8 — Santo Ildefonso — 10

1876

Porto — Typ. Occidental — 50, Picaria — 54

AO

SEU ANTIGO MESTRE DE FRANCEZ E ACTUAL REDACTOR

DAS

FARPAS

J. D. RAMALHO ORTIGÃO

COMO GRATA RECORDAÇÃO DOS SEUS BÔLOS
D'OUTR'ORA E MUITA CONSIDERAÇÃO PELOS SEUS
MODERNOS ESCRIPTOS

Off.

O Chronista.

La satire, comme la conscience, nous rapelle
ce que souvent nous voudrions oublier.

Madame de Blessington.

SUMMARIO

PROGRAMMA... d'esta obra sem programma.—Porque o não tem nem terá.—O rei dos programmas. — Um alvitre. — JORNAES E JORNALISTAS. — Fallemos um pouco de nós. O que é a imprensa. Proudhon, Michelet, Castellar e o snr. Antonio Rodrigues.—A imprensa portugueza.—De como se funda um jornal politico. O «ECHO d'Algôdres».—A folha commercial. O proprietario-patrão e o redactor-caixeiro.—Não nos illudamos. Jornalistas e jornaleiros.—Palavras do snr. Andrade Corvo.—A lei franceza.—Assignem-se os artigos.—Tres jornalistas para doze jornaes.—JOCKEI CLUB.—Os premios.—Para que servem as corridas.—O Sultão, o Foguete e o Veloz.—As exposições hyplicas e a integridade das costellas dos jockeis.—CAMAPHEUS: Um homem politico.—Diz tolices e é bacharel, ergò deputado.—Bordões.—Mortus in casca. — O QUASI-CONSORCIO.—Namoro.—Discussão das escripturas na Granja.—O noivo Adriano, a noiva Luiz de Campos.—Toilete da noiva.—Discutem-se as bazes; divergencias.—Resumo dos debates. A situação do paiz e os seus males politicos.—Junto ao altar. Venham os guardanapos. — HONRA AO MERITO. Historia d'uma medalha de prata.—O INCOGNITO do imperador do Brazil.—O commendador Pedro d'Alcantara, João Fernandes, ou quem?—A NOVA ANGOT—Entre emprezarios.—Palha-Angot, Bastos-Lange, libretto-Pitou e Montrésor-Larivaudière.—PORQUE SE RETIRAM OS BANHISTAS —e as casas de jogo.—UM HOMEM DE FINANÇAS.—Francisco Senior.—Grande homem! celebre homem!—Cento por cento.—Palinodia. Homem sem honra! homem sem brio!—O PATO... da Granja. Quem deu conta do pato.

PROGRAMMA...

Não nos peçam programma, que não lh'o daremos.

Foi resolvido isso agora, em sessão magna comnosco mesmo, e a razão é das mais simples — porque não temos confiança em nenhum, incluindo o que rasgamos ha pouco, destinado a servir de introduccão a estes opusculos.

Em nossa vida, que não é longa, supponmos ter lido, e ouvido tambem, para cima de 650 programmas, pomposos de titulos, seductores de promessas, ricos de desinteresse, caprichosos de grammatica, que poderiamos talvez incluir nas seguintes variadas cathogorias, desde os programmas de jornaes politicos, de toiros, de candidatos a deputados, de companhias equestres, de futuros vereadores, de concertos musicaes, e de partidos azues e brancos, vermelhos e azues, ou simplesmente vermelhos, até os de emprezas lyricas, de futuras vereações, de loterias, de grandes paradas, de varios concursos, de corridas de cavallos, e de grupos historicos, regeneradores, reformistas, reformados, fusionistas, constituintes, pretos — e outros.

Pois, de toda essa magna caterva de programmas, filiados nas cathogorias referidas,

apenas dois, unicamente dois estiveram a pique de nos sahir verdadeiros,—o d'uma corrida de toiros por curiosos e o d'um candidato a deputado por um circulo rural.

O que mais nos maravilhou foi o caso d'este ultimo patriota, o candidato.

Elle tinha promettido aos seus eleitores uma cabeça de concelho ou de comarca—tambem não podemos dizer ao certo o animal cujo era a cabeça—e dava-lh'a, com grande escandalo dos antigos proprietarios d'ella, — uns cães contra o governo!—se a urna se lhe mostrasse favoravel.

Era uma injustiça manifesta, flagrante, mas d'esta vez sempre elles ficavam sem a cabeça!

Desgraçadamente nem a tourada se effectuou, nem o candidato sahiu eleito—o que nos poupou ao incruento espectáculo da decapitação d'uma comarca.

Razões de força maior!

Mas não quer isto dizer que o programma que fizemos ha pouco, e que rasgamos ha um instante, não se viesse a cumprir em todas as suas partes, art. por art., § por §; sómente, considerando bem, não vale a pena abrir uma excepção á regra geral por tão pouco.

E de mais, para se fazer um programma

em termos, cheio de phrazes retumbantes, de curiosas divagações, de sentenças encanecidas, de muita paróla futil e sonora, é necessaria uma aptidão especialissima; e em Portugal, que nos perdoem os snrs. que fazem reclamationes, cartazes e numeros-programmas de gazetas periodicas, só um homem possui essa brilhante e apreciavel qualidade . . .

Ora esse homem, que se tem feito um pedestal dos seus programmas de partidos monarchicos, de folhetos ibericos, de publicações republicanas e de ligas operarias, não somos nós, nem é outro, — comecemos por um acto de justiça, — senão o engenhoso snr. Figueiredo Guimarães, o auctor de mil projectos admiraveis, de mil felizes combinações partidarias — e d'uma só pommada florestal.

Para que, pois, tentarmos um vão esforço? . . .

Os leitores que façam o nosso programma a seu modo, aos poucos ou d'um só jacto, e que o vão modificando ao passo que se fôrem adiantando no exame do corpo de delicto.

No fim da obra o programma deverá estar completo, como o indice d'um dictionario ao qual não falte uma só folha de texto — se não quizerem imitar-nos, dispensando-o inteiramente.

JORNAES E JORNALISTAS.

Fallemos um pouco de nós, — de nós, os que nos decoramos com o titulo de escriptores publicos, de nós os que nos dizemos jornalistas, — para termos o direito de fallar muito dos outros, os pezados burguezes sedentarios de espirito e de corpo, dos outros, os infatigaveis aventureiros da politica do nosso paiz, dos outros, os festejados vendilhões de elixires, os considerados ledores de buena-dicha, os respeitaveis palhaços das ruas, os illustres banqueiros de roleta ao ar livre, — dos outros, de todos os outros.

A imprensa periodica, dizem, é um poderoso instrumento civilisador no meio dos povos, é uma famosa alavanca para erguer o nivel das gentes pela cultura do espirito, é uma tribuna, d'onde se préga, a um auditorio disperso pela superficie do globo, tudo o que póde interessar ao futuro progresso, ao bem-estar da humanidade; é a vastissima arena aonde concorrem todos os grandes lidadores da palavra escripta em defeza do seu ideal scientifico, litterario, politico, social, proclamado aos quatro ventos como pregão das antigas justas; é o

cadinho enorme onde se apura o ouro das grandes verdades, e d'onde se evaporam as fezes dos falsos principios, d'onde saiu Proudhon, Michelet, Castellar, e o snr. Antonio Rodrigues Sampaio.

Dizem, — diz-se que é isto e muito mais, ainda, a imprensa periodica, — a coisa presta-se ás mais variadas hyperboles com que os srs. publicistas costumam fazer estylo á custa da paciencia do leitor; — não o duvidamos; sómente pediremos a ss. exc.^{as} auctorisação para abrir um pequeno parenthesis na regra geral.

Não ha regra sem excepção: essa axcepção é para a imprensa periodica portugueza.

Vejamos:

...

Sim; vejamos como a imprensa periodica d'este bello paiz, da nossa cara patria que, não temos duvida em declalar-o, marcharia na vanguarda do progresso europeu, se, por um habil movimento militar, a Europa virasse a frente para a rectaguarda; — vejamos como ella realisa a definição que reproduzimos ahi, quem sabe lá de que edição menos correcta e augmentada!

Comecemos por o que é mais natural, e que por isso mesmo é menos seguido entre nós... Comecemos pelo principio, — *de como em Por-*

tugal se lançam as bazes para uma nova publicação periodica, dita gazeta, orgão, diario ou jornal—politico:

É por occasião de eleições. Os influentes de um dos partidos militantes em Algodres acham-se reunidos em caza do seu *chefe*, que lhes dá planos de campanha e chá com biscoitos de tosta, inclusivamente.

Os illustres campeões do snr. Januario, do snr. Faustino ou do snr. Pimenta, — hoje a politica portugueza não arvora um lemma, não proclama um princípio, vai atraz d'um sujeito, pertence a um individuo; é a politica do snr. Pimenta, do snr. Faustino ou do snr. Januario, — ruminam os planos e devoram os biscoitos.

Medita-se um golpe de mestre, um plano que faça abortar os projectos dos adversarios, que lhes ponha a calva á mostra, que os desmascare, que os atire á execração publica, — em summa, que os obrigue a perder a eleição.

De repentè, um dos circumstantes espirra um gólo de chá que lhe entrou no gotto, dá um murro na meza, e solta um grunhido abafado...

Acabava de lhe fazer explosão no craneo, como se fosse uma lata de dynamite, uma ideia grandiosa!

Uma ideia não é coisa que um homem possa ter diariamente, e sobretudo uma ideia na occasião precisa, para deixar de a receber a espiro e a murro.

A ideia cahiu no centro da meza, como se fosse uma bombarda, sob a forma seguinte de uma interrogação admirativa:

—E se nós publicassemos um jornal?!...

Todas as çhavenas ficam suspensas a meio caminho das boccas circumstantes como na phantastica descripção da caçada d'uma lontra em Villa Nova de Gaia, por um Hoffman do *Commercio do Porto*; e cada queixo pende inerte, denunciando um grande estupor no auditorio...

Passado o instante de assombro, todos convêm que a ideia é excellente e cada um se admira de a não ter tido ha mais tempo. Em seguida é eleito por aclamação o mais lettrado da assembleia para fazer o programma do novo pharol, o *Ecco d'Algôdres*, e a sessão acaba n'um *cancan* desenfreado... contra os adversarios politicos.

Ao outro dia, em nova sessão, surde o programma, que é lido com emphase pelo auctor e saudado com enthusiasmo pelos circumstantes.

Elle será em Algôdres o orgão do partido do

snr. Januario, do snr. Faustino ou do snr. Pimenta... que é um partido como o do snr. bispo de Vizeu, do snr. Dias Ferreira ou do snr. Vaz Preto, representante das mais justas e mais louvaveis aspirações, na pessoa do seu *chefe*.

Immediamente os programmas do *Ecco de Algôdres* são impressos, distribuidos; trabalha-se com affan no angariamento de assignaturas pelos varios centros, occupam-se os amigos e os amigos dos amigos; — e oito dias antes das eleições, apparece o jornal.

...

Ha uma outra cathegoria de jornaes; são os mercantis, os especulativos, a cujo engendramento presidiu a ideia de explorar a grande mina da imprensa periodica.

De ordinario os seus proprietarios são ou foram homens de negocio, sem mais *conhecimentos* do que os que lhes pode fornecer a alfandega para o despacho d'alguns costaes de bacalhau da Noruega ou d'alguma remessa sortida do Rio Grande do Sul.

Fundando um jornal, elles não alteram os seus habitos commerciaes, nem abrem escripturação áparte no seu livro-caixa. Sómente ao seu negocio de estopa, de campeche ou de

rolhas para embarque, adicionam um appenso — o de jornaes para o publico.

N'esta especie de folhas, o proprietario considera-se *patrão*, o redactor é equiparado ao *caixeiro*, que elle tem no seu armazem de rolhas ou de campeche.

Aquelle é quem manda; o caixeiro, — não, o redactor obedece: diz e desdiz, affirma e nega, segundo a vontade do patrão, — não, do proprietario.

Entretanto o jornal, cōstituido *orgão da opinião publica*, não se affasta n'um ápice do programma contido n'esta divisa. É assim que elle, antes de se manifestar sobre um assumpto importante, em que seria para agradecer um bom conselho, atilado e prudente, sahe para a rua a indagar para que lado pende a balança da opinião de que se diz orgão.

Que essa opinião seja falsa, erronea, apaixonada ou prejudicial, pouco importa. Elle lá segue atraz da turba, fazendo côro, applaudindo-a, lisonjeando-a, mas prompto a passar para o campo contrario e a cantar a palinodia, se vê engrossar as fileiras adversas.

Tal é, com muito honrosas excepções, a imprensa periodica em Portugal; — ou de politica partidaria, e então facciosa, apaixonada, injusta, achando tudo bom ou tudo mau, conforme

as procedencias e não consoante a razão; ou mercantil, e n'esse caso especuladora, falsa-ria, mentirosa, alugando-se a tanto por columna e a tanto por linha.

Convém que não nos enganemos sobre o que vale hoje isto.

Nenhuma idéa justa, nenhum pensamento fecundo e generoso, nenhum sentimento elevado e nobre inspirou as bases da quasi totalidade das cincoenta e duas folhas, que hoje constituem a milicia jornalística na imprensa portugueza.

Apellamos para um consciencioso exame.

Como querem, pois, que ella seja, na phrasze ostentosa dos nossos declamadores, poderoso instrumento civilizador no meio dos povos, famosa alavanca para erguer o nivel das gentes pela cultura do espirito, tribuna d'onde se préga tudo o que póde interessar ao futuro progresso, ao bem-estar da humanidade, vastissima arena aonde concorrem todos os grandes lidadores da palavra escripta, em defeza do seu ideal scientifico, litterario, politico ou social, — finalmente, cadinho onde se apura o fino ouro das grandes verdades e d'onde se evaporam as fezes dos falsos principios?

Ah! que a nossa imprensa periodica fosse o que pretende inculcar, d'accordo; oxalá! Que o seja...

E porque é isto?—Resposta facil de dar e triste de dizer:

É isto assim, porque temos muito pouco quem comprehenda ou queira comprehender a importante missão de escriptor publico;

porque em Portugal, havendo cincoenta e dois jornaes, não ha dez jornalistas;

porque os trabalhadores da imprensa periodica não são homens de convicções, são homens de conveniencias;

porque não votam a sua intelligencia á defeza d'um principio justo, mas alugam a sua penna no tráfego de artigos immoraes e especulativos;

porque não são uma vontade, mas um instrumento;

porque, finalmente, em vez de *escriptores* são *escrivães*, em logar de *jornalistas*, são **JORNALEIROS**.

Tal é a origem e a principal causa por que vemos a imprensa periodica sossobrando cada vez mais no lodo, que ella propria se faz, com grande applauso d'aquelles que tinham tudo a reccar d'ella, se acaso fosse uma coisa digna, respeitavel, poderosa.

Ora isto consegue-se de um modo tão simples, que muita gente não o accreditará; assim:—accumulando estes tres predicados a um espirito culto, a uma intelligencia esclarecida, — moralidade, mais moralidade, só moralidade.

Deve espantar como se obtem, por meio d'estas singelas qualidades, uma tal preponderancia, um tal conceito na politica, nas sciencias, na litteratura, nas artes, e finalmente, na sociedade.

Comtudo é assim mesmo, e é do que nós vêmos pouquissimo entre nós, digamol-o sem rebuço.

. . .

Não se cuide que nos empenhamos em deprimir a imprensa portugueza. Temos aqui um testemunho importantissimo de que mais alguem pensa como nós.

O snr. Andrade Corvo, actual ministro da marinha,—circumstancia que o não impede de ser um espirito cultissimo,—escrevia o seguinte em 1870, apontando as varias reformas a que deviamos attender para entrarmos corajosamente em plena vida constitucional :

« . . . alargar e tornar verdadeira a instrucção; *moralisar a imprensa, que não nos esteja a deshonrar á face da Europa, como se*

fôramos uma nação sem brio, sem dignidade, sem pundonor e sem honra...»

Apesar da asseveração estar clamando por um protesto energico, tudo foi silencio, ao cahir sobre o grosso da nossa imprensa periodica o stygma de «immoral, que nos deshonorava á face da Europa.»

Consciencia?...

. . .

Mas busquemos remedio, senão para o mal, ao menos para atalhar ao seu progresso :

O artigo 25.º da lei de imprensa de 1871, que vigora hoje em França, regulando as condições da publicação periodica, aponta entre outras a seguinte:

«Obligation de la signature par l'auteur de tout article de discussion politique, philosophique ou religieuse inséré dans le journal; sous peine d'une amende de 500 francs por la première contravention e de 1000 francs en cas de récidive.»

E que nós traduziríamos assim para o nosso codigo:

«Todo o auctor de artigos de discussão politica, philosophica ou religiosa, será obrigado a assignal-os, sob pena de 90:000 reis de multa pela primeira vez, e no dobro, em caso de reincidencia.»

A observancia d'este artigo tem sido um pouco descurada em França, mas na lei actual existe, e nós, se não vemos no seu contheudo a mola poderosa, que elevaria á sua verdadeira altura o nivel da nossa imprensa periodica, achamos comtudo que a teria preservado de tamanho abatimento.

É que a responsabilidade moral perante a opinião publica e a responsabilidade phisica perante a lei, que resultariam immediatamente para o signatario de qualquer artigo na imprensa periodica, haviam de o obrigar á selecção dos assumptos, á justeza das apreciações e á elevação da phrase.

É que o escriptor publico não cederia tão facilmente a influencias estranhas nem se faria orgão de suggestões formuladas no escuro, em voz baixa, e que elle teria repellido com indignação deante de testemunhas e á luz do dia.

É que o homem, que assigna os seus escriptos com o seu verdadeiro nome, impõe-se a si mesmo os limittes, que o decoro lhe aconselha, e que alargaria muito mais se não tivesse de pensar a cada periodo:—Como se julgará d'isto lá fora?... Que pensarão de mim?

É que, pela assignatura dos artigos, nós poderíamos julgar do pensamento que os in-

spirou, do fim a que elles apontam e da auctoridade que os reveste.

Por isso: que todos aquelles que labutam honradamente n'esta grande officina da imprensa periodica, supram a lei,—assignem os seus escriptos. Que o escriptor honesto dispa o farricôco ignobil do anonymo e assuma, firmando as suas obras, a responsabilidade dos seus actos e das suas palavras.

É simples, é racional, é justo.

A noite não pôde convir senão aos maltrapilhos e aos mal intencionados; ora a imprensa não pôde ser a capa d'uns nem o campo de manobras dos outros. Saibamos quem nos falla.

Duas palavras mais, com que justificaremos uma phrase, que poderia parecer severa. Nós dissemos:

«É que em Portugal ha poucos jornalistas; em compensação ha muitos *jornaleiros*.»

Um exemplo:—O Porto conta 12 folhas periodicas, a saber: o *Commercio do Porto*, o *Jornal do Porto*, o *Primeiro de Janeiro*, a *Actualidade*, o *Commercio Portuguez*, o *Jornal da Manhã*, o *Direito*, a *Palavra*, o *Diario Pro-*

gressista, a *Gazeta do Porto*, o *Petiz-Jornal*, a *Lucta*. Para sabermos o numero de escriptores publicos existentes na segunda capital, onde assim abundam as folhas diarias, á falta de dados mais positivos, recorreremos á repartição da fazenda, para que nos fosse dito quantos individuos eram ahi considerados taes, e então soubemos — que no bairro occidental habitavam *dois jornalistas*—Antonio Joaquim Pinto Coelho e José Joaquim Rodrigues de Freitas, redactores do *Commercio do Porto*, e que no bairro oriental morava *outro*—Urbano Loureiro, redactor da *Lucta*.

Mas, saibamos quem escreve então as dez folhas restantes?—quem são os seus redactores?...

— *Não teem nome!*

JOCKEI-CLUB.

Mouve corridas de cavallos no começo da primavera e no começo do outomno em Lisboa, no hyppodromo de Belem, e no Porto, no hyppodromo de Mathosinhos.

Para estas corridas costumam concorrer:

S. M. o snr. D. Luiz, com premios não inferiores a. . .	2:000\$000
S. M. o snr. D. Fernando, com premios não inferiores a. . .	1:200\$000
O governo com a quantia de. . .	1:600\$000
Camaras municipaes com. . .	400\$000
<hr/>	
Total.	5:200\$000
<hr/>	

5:200\$000 reis de procedencia mais ou menos official, o que junto a outras sommas de varias procedencias e ao producto das entradas nos dois hyppodromos nos oito dias de corridas, não nos dará uma somma inferior a 45:000\$000 reis. Pergunta-se :

—Qual é a applicação d'esta somma?

—Que utilidade ha nas corridas de cavallos?

A applicação ninguem a ignora.

Aquella somma, que representa uma contribuição de alguns milhares de individuos (de quantos não representará a cifra que o governo desvia do thesouro para tal fim!), aquella somma applica-se em premios aos seis ou sete cavallos, que percorrerem em menos tempo o espaço de alguns kilometros. Na impossi-

bilidade, porém, de fazer acceitar os premios a ss. exc." os cavallos, o jury manda que sejam entregues a ss. exc." os donos das alimarias.

A utilidade das corridas, á parte a que deixamos assignada, e que respeita só á bolsa de alguns particulares, não a conhecemos.

Dizem que esses premios, e depois essas rivalidades, esses desafios, em que sahe vencedor o cavallo de maior fôlego e melhores pernas, contribuem para o apuramento das raças.

Mas nós vemos o seguinte:

Que os cavallos das corridas não servem para o trabalho quotidiano, para o serviço da industria, da agricultura; que um d'esses animaes, que devora um kilometro em dois minutos e vinte segundos, ficaria inutilisado ao cabo de dose horas de jornada; que nunca servirão senão para aquillo; que não passarão d'um traste de luxo.

Ora, em verdade, estarmos a pagar com o nosso dinheiro o luxo de meia duzia de individuos, que se deram o luxo de meia duzia de cavallos corredores, quando a este luxo temos tanta miseria a oppor e a combater, affigura-se-nos luxo de mais.

Querem effectivamente as magestades, o go-

verno e os municipios promover o apuramento não só d'uma certa raça, mas de todas as raças cavallares empregadas hoje como auxiliar valiosissimo do homem nos varios misteres da vida?

Nada mais simples: que o dinheiro desperdiçado em galardoar o *Sultão*, o *Neptuno*, a *Faisca* e o *Catita*, pelo facto de terem vencido na carreira em maior ou menor numero de cabeças, o *Electrico*, o *Foguete*, o *Veloz* e o *Corisco*, seja applicado para uma exposição hippica annual; verão ao cabo de tres ou quatro annos os excellentes resultados praticos de um tal concurso, como em tempo algum realisaria o *steeple-chase*.

É necessario que o proveitoso e o util tomem finalmente o logar que lhes usurpam o futil e o apparatuso, visto que não somos ricos bastante para nos alargarmos até ao superfluo.

Ora nós do que precisamos, é de cavallos robustos, possantes, de trabalho, para as grandes jornadas, para o sol e para a chuva, para os calores de julho e para os frios de janeiro, e não de cavallos nervosos como damas e leves como galgos para ter em estufas como ananazes.

Por conseguinte, que desapareçam os subsidios officiaes e semi-officiaes para as corridas, das quaes não advem beneficio algum para o apuramento das raças, e se inaugurem no seu logar as exposições de que ha tudo a esperar, incluindo a integridade das costellas dos jockeis.

CAMAPHEUS.

I—Um homem politico.

A pesar de se ter empregado uma boa dusia d'annos por Coimbra na conquista d'umas cartas de bacharel, e talvez por isso mesmo, não havia quem se lhe avantajasse n'isto de dizer babozeiras com a auctoridade e a confiança de quem chove bocadinhos d'oiro sobre as cabeças predestinadas d'um auditorio basbaque.

Era prodigo como um antipoda do snr. D. Pedro II, imperador do Brazil, — prodigo da sua eloquencia ; não se calava nunca !

A politica era o seu forte.

Que de projectos ! que de reformas ! que de... tolices !

Não havia outro remedio senão propol-o a deputado.

Um homem assim havia de dar sempre que entender a um governo . . .

Por esse tempo estava elle com a *sua gente* na opposição.

Foi eleito por um circulo rural.

Oito dias antes de partir para Lisboa reuniu a *sua gente* e leu-lhe um alforge de projectos, que ella foi empurrando o melhor que pôde com algumas fatias torradas e duas ou tres chavenas de chá.

Partiu.

. . .

Durante a sessão legislativa não se passou dia algum sem que elle tomasse a palavra para dizer—*presente!*

No resto era como se os eleitores tivessem ido ao asylo da Casa Pia e mandado um surdo-mudo para o parlamento. A sua bocca era *sagrada*. Nem pio!

Fecharam-se as camaras. Reappareceu entre os seus amigos.

Ah! como era delicioso ouvil-o! O que elle disse ao Fontes em pessoa!

Como elle as cantou ao proprio Barjona!

Como elle metteu a falla no buxo ao proprio Sampaio, cuja bocca até então ninguem

tinha conseguido tapar! — Mas tudo isto em sessão secreta, é claro!

Alguns correligionarios até lhe diziam :

«*Todavia*, Fulano, dizes taes verdades aos ministros, que para as proximas eleições é impossivel que o governo te não guerreie, *todavia* a candidatura.»

A's vezes excedia-se...

Elle, *todavia*, não se importava com isso.

Todavia— eis o termo com que o illustre bacharel se havia enriquecido o discurso durante os quatro mezes de tirocinio parlamentar —*todavia* mudo!

Mas ha espiritos ávidos de saber, que de hora para hora accusam um progresso consideravel. O do nobre deputado accusava esse progresso, mas no fim de cada sessão legislativa.

Assim, ao voltar pela segunda vez do seio do parlamento ao seio dos seus amigos, a mudança foi ainda mais sensivel que no anno anterior.

Em logar d'um adverbio, elle trazia para seu uso e dos seus eleitores nada menos de uma phrase inteira! Que riqueza!

Um dia passeavamos, conversando com o nosso amigo Gaspar, á porta da Aguiã d'Ouro,

quando elle, recém-chegado da capital, cruzou comnosco. Vinha radiante, como se acabasse de ter derrubado o ministerio.

—Illustre doutor!—Nobre doutor!—dissemos ambos ao mesmo tempo.

—Boa tarde, meus caros. Então que fazem?—perguntou elle.

—Como vê, *flanamos*.

—Bem sei, bem sei. Emquanto a patria agonisa, os snrs. *gozam as delicias de Cápua*, hein?

Elle a tinha dito, a phraze, a grande phraze! No olhar conheceu-se-lhe a satisfação—de nol-a ter impingido!

E entrou, com uma tosse cheia de importancia no café.

Encontramol-o oito dias depois. Caminhando sempre e em sentido contrario, trocamos o seguinte dialogo:

Nós—Então como vai o doutor?

Elle—Bem, e o meu caro?... gozando as delicias...

Nós (interrompendo-o) — ... de Cápua; acertou.

Elle—Sim, sim; emquanto a patria...

Nós (interrompendo-o) — ... agonisa; justamente. Adeus, doutor.

Elle—Adeus, meu caro.

Se-não-quando o parlamento é dissolvido e o grande politico não gozou mais—as delicias de Cápuá! perdeu a eleição...

Nós, pelo panno da amostra, calculamos o que elle nos teria trazido de S. Bento, se tivesse conseguido um passaporte para lá por mais uma legislatura!

Talvez—*Catilina bate ás portas de Roma...*

Talvez—*o povo póde e deve pagar mais.*

Talvez, mesmo—*quousque tandem!*

Convenham comnosco os seus eleitores, que foi uma pena cortarem-lhe a carreira! Com o tempo, talvez ainda viesse a dar um Monteiro Maximo, ou, o que é mais, um Manoel d'Assumpção!

O QUASI-CONSORCIO.

Como não é ignorado em todos os recantos de Portugal e do estrangeiro, realisou-se no dia 7 de setembro passado o quasi-consorcio politico do partido chamado historico (historico, tinham composto os snrs. typographos,

por onde se prova que ha pequenos enganos que valem por grandes acertos), o quasi-consorcio d'aquelle partido com a fracção dita reformista, se assim podemos chamar á discussão e assentamento das bases da escriptura ante-nupcial.

Foi uma cerimonia commovedora e de muita edificação para as gentes...

Observaremos, que este hymeneu em vias de facto, estava fallado ha muito, mas razões d'estado, e não sei se, tambem, negocios de familia, os quaes acatamos como nos cumpre, impediram a sua realisação. Os noivos, porém, de ha muito que se namoravam pelos annuncios dos jornaes, que se exercitavam a distancia na mais expressiva mimica amorosa e se escreviam nas duas camaras bilhetes almiscarados, que principiavam por estes epithetos reveladores d'uma grande ternura:

Elle: «Meu mais que tudo.»

Ella: «Meu *idelo*.»

Elle: «Deusa dos meus pensares.»

Ella: «Unico *vem* que tanto adoro.»

De ordinario as epistolas que abriam assim, fechavam com maior ternura ainda, pelo theor seguinte:

Elle: «D'este que arde na pyra do mais vivo amor.»

Ella : «D'esta que tido latra.»

Elle : «D'este que vive só para ti.»

Ella : «D'esta que tanto Tiadora! »

Namoravam-se, pois, de ha muito, e o que amantes querem, por tralhas ou por malhas, é o que se faz. Comtudo, digamo-l'ó desde já, as coisas não se teriam ainda aproximado do seu termo, se elle não fosse de conveniencia e de consequencia para as partes contractantes e seus collateraes, como se verá quando entrarmos fundamente no assumpto.

Por hoje occupar-nos-hemos do grande acto preparatorio da união do partido historico, o velho libertino, com a ingenua fracção reformista, donzella educada no cheiro mystico das sacristias e na leitura amena do *Flos sanctorum*.

. . .

Parenthesis:

Como não era facil practicar o acto do sacramental *conjungo* entre a fracção nubente e o nubente partido, determinou a parentella que o consorcio se fizesse por procuração, representando a noiva o snr. Luiz de Campos, reformista, e o noivo, o historico snr. conselheiro Adriano.

Para padrinhos d'este foram eleitos os snrs. Braamcamp e Luciano de Castro, por parte

d'aquella ficaram os snrs. Pinto Bessa e Marianno de Carvalho.

Devia presidir á cerimonia e deitar as benções aos noivos, na occasião opportuna, o maximo pontifice da egreja reformista e prelado da catholica, D. Antonio Martins.

Está fechado o parenthesis. Narremos.

Por volta das 11 horas da manhã, á sala mais espaçosa de uma casa situada no lugar da Granja, destinada para a grande scena das escripturas nupciaes, cujas bazes deviam ser previamente discutidas pelos noivos, começaram de affluir os varios amigos e collateraes, que tinham recebido convite «para honrarem com as suas presenças um acto tão solemne.»

Appareceram em primeiro logar o snr. Oliveira Lobo, sempre attencioso, comprimentando umas lythographias pendentes das paredes, e estendendo a mão á cadeira de braços da presidencia; o snr. Bessa de chapéu carregado sobre a testa, casaca preta, gravata branca e os dedos pollegares fora das luvas; e em seguida, por sua ordem, o snr. Delfim Maia, que, pelo seu chapéu de palha, guarda-pó de linho e outros accessorios, dir-se-hia preparado

para um pic-nic; o snr. Luciano de Castro deslumbrantemente fardado, com a mão esquerda apoiada cavalheirosamente no punho do florete; o maximo pontifice D. Antonio, de chapéu de borla, botas de borla, com um soberbo marmeleiro, tambem de borla, nas unhas; o snr. Braamcamp, no rigor da etiqueta, com um luzente crachat meio-velado pela lapella da casaca; o snr. Marianno de Carvalho, de chapéu de molas, casaca azul e calças de ganga; o snr. conselheiro Adriano, que vinha deslumbrante de oiros e radiante de satisfação, como convem a todo o homem, que está para contrahir os sagrados laços do hymeneu — mesmo por procuração; e ainda outros cujos nomes brilham como estrellas de segunda grandeza, e alguns que figuram até na qualidade de cometas, no firmamento politico do nosso paiz.

Quando entraram os ultimos personagens, a conversa tinha-se generalisado, discutindo-se o grande acontecimento, que reunia os dois temiveis grupos n'aquelle recinto.

O pontifice D. Antonio (que tem estado junto da meza da presidencia, lendo as bazes da escriptura nupcial com o cacete debaixo do braço; com voz aspera, para os circumstantes) — Mas então, que diabo de demora é esta?! Estou damnado por fumar e . . .

Algumas vozes—Esperamos a noiva...

Elle—E a noiva que faz que não vem?

O noivo—Provavelmente está com a costureira no gabinete, mas não pode tardar. (Como em á-parte) — Isto de mulheres, tractando-se de enfeites, ainda que sejam homens, são todas o mesmo!

Abre-se uma das portas, que dão para diversos aposentos, e apparece finalmente a noiva Luiz de Campos pelo braço do snr. Pereira Cardoso, professor de mathematicas puras na Academia Polytechnica do Porto.

O representante da fracção reformista na projectada cerimonia nupcial, vem admiravel de pudor virgineo, de compostura angelica, de candida hesitação, e deslumbrante de *toilette*.

Lembrava a *Filha da snr.^a Angot*, no 1.^o acto da mesma, cantando (traducção do snr. Francisco Palha):

«Vós para mim sois tudo no mundo,

Por ordem vossa vou eu casar...»

Até por mais de um motivo estava lembrando a heroína da opera-comica de Lecoq, pois que, além de noiva, era tambem filha de muitos paes e de muitas mães...

S. ex.^a trazia a barba feita, recentemente escanhoadá, um leve rosado nas faces, e o

olhar castamente pousado no bouquet de flores naturaes, que lhe adornava o seio ondeante de commoção.

Porque emfim, estas cousas sempre bolem com o nervoso de uma noiva, por mais fleugmatico que um homem seja!

. . .

Agora, para sermos agradaveis ás nossas leitoras, — porque esperamos ter as suficientes para formarem plural — dar-lhes-hemos a descripção da *toilette* da noiva.

O snr. Luiz de Campos, a noiva, recendendo pureza e candura, apresentou-se da seguinte maneira:

A barba feita, como dissemos já; brincos de brilhantes nas orelhas, presente da madrinha; no cabello penteado em grande phantasia, enleando-o, um fio de perolas, presente do padrinho; sobre o colo d'uma alvura de jaspe, um collar magnifico de brilhantes, valiosa offerta do noivo, e no pulso um gracioso *souvenir* do pontifice D. Antonio com esta unica palavra — *Remember*.

O vestido era de *faille rosée*.

A extremidade da *jupe* era guarnecida de um *volante* franzido com dois machos, um *bouilloné* e o outro encanudado. Toda a sua ampli-

dão reunia em *derrière* com o auxilio de fitas que atavam *pardessous* e formavam um pequeno *pouf coquillé*, no qual se confundia uma *tordade* de velludo *noir*, cujas pontas compridas cahiam na *queue*.

O corpo com aba, era *fendu en derrière*. O decote era gurnecido interiormente d'um *plissé* de *crépe lisse blanc* e exteriormente d'uma *ruche* de velludo terminada por um laço.

As mangas eram guarnecidas com um *plissé* alto de *crépe lisse* cingido ao meio por uma braçadeira; tudo segundo um dos mais recentes figurinos do *Diario Illustrado*.

Finalmente a noiva, snr. Luiz de Campos, a quem o partido historico receberia mais tarde, —symbolicamente, já se vê,— á face do altar, estava elegantemente vestida, desenhando-se-lhe nas ondulações do talhe as formas delicadas e airosas.

Tudo n'elle... ou n'ella respirava innocencia, candura, e outras coisas adequadas ao papel, que lhe tinha cabido na projectada união.

Depois dos cumprimentos do estylo, a noiva tomou assento. O patriarcha da igreja reformista, tendo-a examinado de relance, fez um gesto maroto ao noivo e piscou-lhe um olho, murmurando :

— Boa peça ! obra desenganada !

O noivo sorriu cheio de legitimo orgulho, e deixou pender o queixo n'um extasis pecaminoso.

A um convite de sua exc.^a o patriarcha D. Antonio, que nunca deixou de sobraçar o apostolico marmeleiro, os varios personagens presentes abancaram em torno d'uma grande meza, coberta de jornaes, papel almaço e tantos tinteiros quantas as cabeças.

O pontifice usou rusticamente da palavra nos termos seguintes:

— Illustrissimos preopinantes ; minha menina : « Antes que cases olha o que fazes » — diz o rifão e é bem certo isso, não porque eu o possa dizer por experiencia propria, abrenuncio ! mas porque, finalmente, tenho visto muita coisa, assim um raio me parta !

(Sobresalto da noiva).

O snr. Braamcamp (com o seu pigarro chronico) — Hum ! hum !

O pontifice (imperturbavel) — Ora é d'esse negocio que vamos tratar. Nós bem sabemos que o partido historico se tem esforçado por fazer perder a cabeça á fracção reformista, e, até mesmo, que a nossa pupilla lhe tem correspondido muito honradamente... (O snr. Luiz de Campos acha conveniente baixar os olhos de

confuso, na sua qualidade de pupilla. Os circumstantes sorriem). Digo, correspondido, mas todo o mundo sabe o caso que devemos fazer de tudo isso, quando se trata de apertar o nó... gordio.

Uma voz (com um suspiro) — E bem gordio!

O pontifice — Não me interrompam... Do que devemos tratar é de assegurar aos noivos, isto é, de nos assegurarmos a nós uma união duradoura, garantindo-lhes, isto é, garantindo-nos longa vida conjugal, para conseguirem, isto é, conseguirmos deitar a unha á herança que indevidamente se nos está usurpando.

Vozes (enthusiasticas) — Apoiado! apoiado!

O snr. Braamcamp — Hum! hum!

O pontifice (batendo com o cacete no chão) — Não ma interrompam, já disse! com um mi-lhão de diabos! . . . (A donzella reformista parece nervosa) — O nosso fim, por consequencia é juntarmo-nos, é unirmo-nos, cooperando para a exaltação do partido reformista . . .

Vozes do lado historico — Qual reformista! — D'ambos os partidos! — Era melhor! — Hum! hum!

(Confusão de vozes. O pontifice, para chamar á ordem, levanta o cacete e deixa-o cahir em cima da meza. Entornam-se dois tinteiros.)

O pontifice (com energia) — Então que algararra é esta?! Temos a mesma pouca vergonha da camara dos deputados?!

O snr. Luiz de Campos (tremulo e pallido) — Começo a sentir-me agoniada . . .

O snr. Thomaz Lobo (afflicto) — Um copo d'agua! venha um copo d'agua!

(O noivo corre a buscar a agua. Ella molha os labios. A agua tinge-se de vermelho.)

O pontifice (rosnando) — Chelicks! (Alto) — Repito que não quero que me cortem a palavra... senão, mando-os passear a todos e eu vou adeante. Irribus! (Mudando de tom) — Entendamo-nos! Dizia eu que deviamos cooperar todos para a exaltação do partido reformista (rumor dos historicos) — e do partido alliado; sem isso nada feito. Por tanto, apoio a projectada união! Que não seja tudo para uns e nada para os outros!... Disse. (Vendo que tudo fica silencioso; sentando-se) — Agora podem applaudir.

Vozes (irrompendo) — Bravo! muito bem! de accordo!

O snr. Marianno — De accordo, digo eu, mas convém não ficarmos n'isto. Em todos os casamentos de circumstancia ha uma escriptura. Saibamos o que pertence a cada um dos noivos para que um dia não haja reclamações e chicanas d'alguma das partes.

O snr. Braamcamp — Hum! hum! Eu por mim acho que não ha a menor duvida sobre o futuro dos noivos, hum! hum! no caso de lhes advir a herança cubiçada, visto que tudo se fará de accordo, e cada qual terá a sua parte no bodo commum, — hum!...

Vozes — Apoiado!

O snr. Bessa — Resta saber se os noivos estão por isso.

O snr. conselheiro Adriano — Eu estou por tudo, com tanto que mais tarde não tenha de entrar em testilhas com minha esposa e senhora ou com a sua parentella, para demarcarmos os nossos direitos.

O pontifice (ao snr. Luiz de Campos) — E a menina?

A noiva (com um bonito ar modesto) — O meu mais ardente desejo era não ser empalmada por meu marido ou pelos parentes d'elle na occasião de nos ser entregue a herança.

Vozes — Apoiadissimo!

O pontifice (zangado) — Não se calarão?!... Eu cá tenho por muito justas as precauções, que cada uma das partes contrahentes deseja tomar com respeito ao outro membro do casal... porque hoje é tolo quem se fia na harmonia de casados . . . Pão pão, queijo queijo . . . Não ha como o preto no branco. — Por conse-

guinte propônho que se nomeie uma commissão tirada do partido e fracção nubentes, que redija as escripturas definitivas, claras, e explicitas, para se evitarem revoltas intestinas,— e até mais um caso de divorcio, o que seria muito desagradavel para as duas respeitaveis familias.

Alguns membros—Apoiado pela commissão!

O pontifice — E proponho mais que um dos presentes, o snr. Marianno de Carvalho, verbi-gracia, faça o resumo dos debates para se informar o mundo inteiro d'esta famosa reunião.

(A segunda proposta é igualmente approvada, e o snr. Marianno redige.)

O snr. Marianno (lendo) — «*Os abaixo assignados, reunidos no sitio da Granja, tendo discutido largamente a actual situação do paiz e os males politicos e economicos que o affligem, etc. deliberaram unir-se pelos mais sagrados vinculos nas aras da patria . . .*

O snr. Braamcamp—Hum! hum!

O snr. Marianno (voltando-se, picado)—Hum! hum! quê? Tem alguma observação a fazer?

O snr. Braamcamp (surprehendido)—Eu?... Mas isto... hum! hum! é pigarro muito anti-

go. Ao contrario, acho que V. Exc.^a diz perfeitamente.

O snr. Marianno (reatando a leitura)—«...da patria, etc. acordando desde logo para principio de vida na *reforma da Carta, ampla liberdade de voto...*

O snr. Braamcamp (cada vez mais encharroado)—Hum! hum!

O snr. Marianno—«... , *emenda das leis de recrutamento, diffusão da instrucção primaria...*

Um preopinante—Peço perdão . . . Desejava saber se se projecta augmentar o ordenado dos professores. . .

O pontifice—Isso fica para se tractar mais tarde. . . Quem esperou até agora pode esperar mais algum tempo. É uma questão secundaria. (Ao snr. Marianno)—Continúe.

O snr. Marianno—«...e *revisão das leis sobre os bancos e circulação fiduciaria.*»

(*O snr. Braamcamp* tem um ataque mais violento do que os outros.)

Os circumstantes—Muito bem!—Está fidelissimo!—Foi exactamente isso que se passou.

O pontifice—Convido, os illustres preopinantes a assignarem este documento. (Todos assignam.)

O snr. Lobo (indagando com a vista) — E o Delfim Maia? Onde está o Delfim Maia?

O snr. Adriano — Talvez esteja a fumar no pateo...

O snr. Braamcamp — Será bom ir chamal-o. E' mais um... hum! hum! E' mais um nome.

(Sahe o snr. Marianno e volta pouco depois.)

Algumas vozes — Não estava lá?

O snr. Marianno — Qual! Emquanto nós davamos uma côr a isto, fazendo e approvando propostas, elle mettia-se n'um comboyo de mercadorias!

Todos — Oh!...

O snr. Pereira Cardoso — Talvez estivesse incommodado...

O snr. Marianno — Bom incómodo! Deixou dito que tinha um parceiro á espera na Agua d'Ouro para jogar as damas, e partiu.

O pontifice (pela surdina) — Patriota das duzias! (Erguendo-se) — Meus snrs; passemos á segunda parte do programma, á cerimonia em que faremos votos porque brevemente se ultime este negocio, visto que os nubentes se mostram d'accordo, quanto á primeira parte. Vamos para o sacrificio. Estou com uma fome canina.

• • •
A sala destinada para a cerimonia é d'uma simplicidade ingleza. Apenas das paredes, forradas de papel de chita, pendem algumas lithographias de natureza morta.

Ao centro o altar.

Para o altar é que se tinham voltado as atenções do mestre de ceremonias.

Era d'um effeito surprehendente...

Sobre uma meza quadrilonga (o altar), jarras de flores, plateaus com maçãs e bananas, aqui e alem bellos ananazes cheirosos, magnificas peras de sete cotovellos, soberbos damascos do alto-Douro, dois ou tres queijos flamengos, algumas compoteiras de cristal facetado e bojudas garrafas de vinho com seus nomes e apellidos abertos em laminas de metal, prezas ao respectivo gargalo por cadeados de prata.

A' volta do altar, cadeiras.

Entraram os noivos, os padrinhos, os convidados e o celebrante, sempre armado do seu cacete, que pousou a um canto do templo.

O noivo (galã de melodrama)—Finalmente não tardará a realisar-se o mais querido dos meus sonhos! finalmente vamos juntar-nos!

A noiva (com resignação)— Assim era preciso...

O noivo—Viveremos felizes...dominaremos a politica do paiz, venceremos todas as eleições, espesinharemos os nossos espesinhadores! (Lamecha)—Não é assim, minha esposa adorada?

A noiva—Por certo...

O noivo (com fogo)—E tu queres?

A noiva—Eu quero!

O noivo—Queremos ambos então!... Oh! deuses immortaes!

A voz d'um regenerador (fóra, ao violão)—

La donna é mobile

Qual piuma al vento,

Muta d'accento

E di pensiero!...

O noivo (apurando o ouvido)— Quem é aquelle imbecil? (Tenta erguer-se.)

A noiva (segurando-o pela aba da casaca)—Por quem é, snr. conselheiro, não vá!

O snr. José Luciano (que tem ido á janela)—Não me enganei... Conheci-o pela voz.

O noivo (melodramatico)—O seu nome?!

O snr. Luciano—Não vale a pena...

O noivo—Quem é? Quero conhecê-lo!

O snr. Luciano—O compadre Tavares...

O noivo (com um gesto de desprezo)—Um espião!

O pontifice—Meus snrs., acerquemo-nos

do altar. Cada um aos seus pratos. Vai dar principio a augusta cerimonia. A patria nos contempla!

Sentam-se em torno do altar, e desdobram os guardanapos.

Abre-se uma porta, e apparece o mestre de ceremonias guiando dois famulos, que principiam de servir aos convivas os fumegantes e saborosos bocados de que reza a lithurgia dos actuaes partidos politicos, todos mais ou menos comedores.

Em vista do que, os circumstantes entregam-se aos mais devotos e entusiasticos movimentos de queixos, mandibulando e engolindo com o patriotismo e denôdo de que é capaz um bom patulêa.

Perspectiva commovente!

Uma photographia d'aquelle acto edificante, sacrificio augusto no altar da patria, ter-lhes-hia dispensado o programma. Ninguem diria que elles não estavam sentindo a golpes de maxila «os males politicos e economicos que affligem o paiz.»

A cerimonia corre alegre. Generalisa-se a palestra. Discutem-se competencias. Contam-se anedotas, bebem-se algumas pingas, atiram-se bolas de pão, preparam-se brindes; o snr. Braamcamp descuida-se e faz um ca-

lembourg; o pontifice enche de jerez o calice, bojudo como s. reverendissima, e ergue-se.

O compadre Tavares (muito distante; concluindo a ballata):

.....
Muta d'accento
E di pensier !...

Até á data em que escrevemos estas linhas não nos consta que se effectuasse a projectada união. O partido nubente está inconsolavel, por ver fugir mais uma vez, deante de si, a miragem que persegue ha cinco annos.

A fracção reformista longe de assignar de cruz, como esposa amante e confiada, impõe condições subversivas das leis sociaes entre casados: quer ter os movimentos livres, independentes; dispôr da metade do casal á sua parte, e receber metade em todas as partilhas; não resolver questão alguma sem consultar os paes e as mães; ter aposentos particulares no predio commum; não ser expiada, e finalmente, gosar os mesmos direitos e regalias que o marido, em tudo e para todos os effeitos.

—Mas isso é inteiramente inadmissivel,

hum! hum! — exclama o snr. Braamcamp — nem creio que haja marido que taes condições acceite.

— Hom'essa! — replica s. rev.^{ma} D. Antonio — acceitam-n'as todos os que se não cazam pelos lindos olhos da noiva, mas por o que ella lhes pode trazer! . . . Ora, aqui para nós, (sorrindo) — não é pelos lindos olhos do Luiz de Campos... sim... que o meu amigo se empenha tanto n'esta união.

— Emfim... hum! hum! veremos isso. Peço trez mezes para meditar.

O praso pedido ainda não expirou. Entretanto a patria, esperançada na tisana salvadora que lhe hão de embutijar os sabios Galenos reunidos em junta, continúa a soffrer com resignação «os males politicos e economicos que a affligem.» Ah! se o facultativo, que elles requisitassem para os soccorrer nas ancias d'uma indigestão ou nas convulsões d'uma colica, depois de lhes bater duas pancadinhas na bocca do estomago, outras duas no ventre, de lhes examinar a lingua e palpar o pulso, lhes dissesse:

— Isto é grave... pode mesmo vir a ser fatal. Vou pensar para casa oito dias...

...que diriam ss. exc.^{as} ao Galeno? — provavelmente mandavam-n'o, com o devido respeito, pentear macacos.

Pois outro tanto não fariamos nós a vv. exc.^{as}, se fossemos a patria em colicas, e vissemos tão inclitos salvadores á nossa cabeceira. Nós pedir-lhes-hiamos simplesmente—que nos deixassem em paz.

HONRA AO MERITO.

N'uma exposição agricola e industrial realisada n'uma capital de provincia, vai para quatorze annos, um chapeleiro apprehendedor, o snr. Manoel Diogo, expoz seis chapéus e dois porcos.

Os chapéus foram desconsiderados pelo jury, mas os porcos mereceram muito especial attenção pelas qualidades que concorriam n'elles, como o snr. ministro do reino diz dos individuos, que nomêa cavalleiros, commendadores ou fidalgos, e a quem s. exc.^a nunca viu mais gordos, como o jury aos porcos nunca vira mais magros.

E na verdade estes ultimos eram dignos de todas as attensões, não só da parte do jury, mas de quantos visitantes honravam com a sua presença a secção dos suinos. Faça-se uma idéa por isto : que antes de se descobrir que

eram dois porcos, todo o mundo suppoz que fossem duas bolas...

Umás brôas de toucinho animado, me-xendo-se e grunhindo. Nem se lhe viam olhos, nem focinho, nem pernas, nem rabo. Por isso depois de se ter averiguado que eram porcos effectivamente, ainda se offereceu outra difficuldade:—era determinar para que lado tinham as cabeças... Pareciam *vicè-versá*!

—O raio do chapeleiro póde ter gosto nos alimaes!—exclamava um creador de gado mettendo a ponteira do guarda-sol vermelho pelo toucinho do mais proximo.

—Elles parecem mas é assoprados, o Senhor me não castigue!—bradava uma mulher de capote e lenço, com o cabello aparado para a testa.

O homem que a acompanhava, tendo-se esforçado por atravessar com o seu varapau ferrado a barriga de um dos bichos, redarguiu:

—E' o que se póde chamar um phenomino da creação!

O jury da exposição, na impossibilidade de condecorar os cevados com a medalha de prata, entregou-a ao dono, que se mostrou tão orgulhoso com ella como se fosse um dos premiados.

Tres mezes depois, n'uma digressão pela provincia, passamos pelo seu estabelecimento e entramos a comprar-lhe um chapéu. No forro de sêda branca, dentro de um disco dourado, liamos o seguinte publico instrumento:

MANOEL DIOGO

Chapeleiro da casa real,
PREMIADO com a medalha de prata
na exposição agricola
e industrial
de 1864.

A medalha de prata com que o chapeleiro se dizia premiado, era... a dos cevados!

O INCOGNITO.

Estes reis e imperadores são capazes de tudo! uns verdadeiros tyrannos! Ah! quem nos dera a republica! Sempre deve ser vinho d'outra pipa!—Se nem o dictionario da lingua lhes

escapa! Trocam tudo! mudam tudo! fazem do preto branco e do azul amarello!

Se-não vejam por que torturas não está passando a palavra *incognito* depois que viaja S. M... o snr. D. Pedro d'Alcantara, um particular estabelecido no Rio de Janeiro, com sua esposa a exc.^{ma} snr.^a D. Thereza, a quem a Europa teima em chamar imperatriz do Brazil.

De toda a parte, aonde chegam os illustres viajantes, nos chovem noticias concebidas n'estes termos:

«Suas Magestades os imperadores do Brazil chegaram a tal estação. Foram esperados por estes e aquelles diplomatas. O povo, que se agglomerava na estação á espera do comboyo onde vinham os imperiaes viajantes, soltou vivas á sua chegada.

»Suas magestades guardam *o mais rigoroso incognito.*»

«Dizo... zeitung de... chelf, que Sua Magestade o snr. D. Pedro II assistiu á 1.^a representação da opera *Os Manipansos* no theatro da Grand'opera.

»Apenas o imperador assomou ao camarote ecoou um viva unanime na platéa e a orchestra tocou o hymno nacional brasileiro.

»Este monarcha viaja debaixo do mais

stricto incognito, sob o nome de D. Pedro de Alcantara.»

Mas então, quem saudava a turba á chegada dos incognitos conjuges á estação de tal? — quem acclamavam os espectadores do theatro da Grand'opera á entrada de um certo personagem de barbas brancas e luvas pouco mais ou menos da côr das barbas?

João Fernandes, Pedro d'Alcantara ou o imperador do Brazil?

De todos, quem menos suppomos, é que fosse este ultimo. Guardando S. Magestade o mais *rigoroso incognito*, quer-nos parecer até que seria de um pessimo gosto, esperarem-n'o por toda a parte para lhe dizerem:

— Não nos enganas, *beau masque!* Já te matamos! Vê se te lembras!

E assoviarem-lhe depois o hymno nacional brasileiro.

Seria mais do que pessimo gosto; seria uma inconveniencia.

Por conseguinte, quem os diplomatas esperam nas gares, a aristocracia sauda nos theatros e o povo acclama nas ruas imperador do Brazil, não é o snr. D. Pedro II; é provavelmente o commendador João Fernandes, negociante do Pará, ou o commendador Pedro d'Alcantara, estabelecido no Rio de Janeiro.

Mas isto será assim, lá por fóra, para todos os Joões Fernandes brasileiros? —serão todos aclamados indistinctamente imperadores do Brazil?.. ou como se entende o tal *incognito*?...

A NOVA ANGOT.

Os jornaes de Lisboa assignalaram e até foram intermediarios n'uma contenda entre dois emprezarios, a qual podia ter tido as mais graves consequencias se os botes de lingua ou de penna, que se jogaram, fossem de sabre.

Era a eterna scena da descompostura na eterna opera de Lecocq, por causa dos direitos adquiridos sobre a representação da mesma, por uma companhia franceza de opera comica.

Na scena a que alludimos, os papeis estavam assim distribuidos:

Clarinha Angot, menina que teve uma educação «como uma duqueza, dobre a lingua, como uma marquezza»—o snr. Francis-

co Palha, gerente da empresa do theatro da Trindade.

Lange, que frequentou a mesma escola e estudou pela mesma cartilha, artista do Theatro Feydeau e conspiradora,—o snr. Pinto Bastos, gerente da empresa do Theatro do Principe Real.

Pitou, pomo de discordia entre as duas amigas, por causa de quem se mimoseam de epithetos, que dariam para vinte policias correccionaes e cincoenta duellos—o libretto e musica da mesma *Filha da snr.^a Angot*, a qual, como se viu ainda ultimamente, tem muitos paes e muitas mães.

Larivaudière, o pretendido amante de *Lange*, que apparece no fim da scena para dizer —«Má raios te pum!»—o snr. Montrèsor, emprazario da companhia franceza, mandada vir pelo sobredito gerente Pinto Bastos.

E coros d'ambos os sexos.

O que as duas disseram não é para se repetir aqui, mas acha-se archivado nos jornaes de Lisboa. Por ultimo, ser-nos-hia difficil decidir qual d'ellas levou a melhor; mas como de tudo é preciso tirar proveito,—disse-o já um philosopho pelo menos,—agora que o snr. ministro do reino anda empenhado na reforma da instrucção superior e inferior, lembramos

a conveniencia de aproveitar as duas aptidões ultimamente reveladas nos sobreditos empresarios, fundando um

*Curso de dialectica ao ar livre
para uso das pessoas que se destinarem a
seguir a carreira
das praças e ruas menos policiadas*

O snr. Sampaio reservar-se-hia a direcção technica do estabelecimento.

PORQUE SE RETIRAM OS BANHISTAS.

Nas praias de banhos, Foz, Povoá, Figueira, etc. o jogo tem-se por tal forma generalizado, que um homem, que não frequente a roleta ou a batota, é um selvagem, um botucudo, sem acceitação na sociedade. Na Povoá contou um visitante setenta casas de jogo, ao rez do chão, abertas, patentes, como um atencioso convite ao forasteiro aborrecido, ou á auctoridade local enfastiada, para tentar uma *vacca* de quinze tostões ou fazer um *salto* de

tres mil reis. Ellas acham-se patentes, como um estabelecimento publico para o qual se tem a respectiva licença, como uma loja de tabacos habilitada.

Ultimamente lia-se n'um jornal :

«Em consequencia de grande numero de banhistas haver abandonado as praias, bastantes casas de jogo teem fechado, retirando para os grandes centros.»

Nós teriamos talvez modificado um pouco a redacção d'esta noticia em homenagem á verdade, escrevendo :

«Em consequencia de bastantes casas de jogo se haverem retirado para os grandes centros, grande numero de banhistas tem abandonado as praias.»

E ninguem protestaria, quer-nos parecer isso.

UM HOMEM DE FINANÇAS

Era elle o chavão que dava as cartas ;
Era o que elle dizia um evangelho...
E apesar de não ser lá muito velho,
— Não usava muletas nem cajado, —
Como velho era sempre respeitado...

No commercio passava por pimpão,
Dava sota e az ao mais pintado,
E ai do que não fosse ao beija-mão
De sua excellencia ;
Tinha por infallivel a fallencia!

Em verdade era homem das Arabias
Francisco Seniór,
Recém-commendador ;
P'ra captivar os patos tinha labias,
E artes e maneiras
De metter-lhes as mãos nas algibeiras,
E sacar-lhes o ultimo ceutil
Para este ou aquelle empreendimento,
Que devia deixar cento por cento...
O dobro, o triplo, mil!

. . .

Era um homem activo ;
Olho vivo,
Nariz em bico d'aguia, barba estreita ;
A fronte saliente e escorreita,
Sem contusões nem *gallos*,
Amostrava umas leves depressões,
Como um pé
Depois de se lhe ter cortado os callos...
Não sei dizer porquê...

Salvo o factó, que ignoramos, aconteça,
De rebentarem callos na cabeça...

Recorda-me de ter ouvido um dia
N'uma grande assemblea de accionistas
 Uma especie de phóca,
Um sabio Mirabeau de largas vistas,
 D'estes que, abrindo a bocca,
Ou lhe entra alguma mosca varejeira
 Ou então sahe asneira,
 Que dizia :
«Senhor's! atraz do abysmo, abysmo vem !
 Quem tem, tem !
 Abysso, abyssas, abóca !»

Pois paraphrazeando esta sentença,
 Diremos que — dinheiro
 Chama a si mais dinheiro. —
Francisco Seniór
Era bem o *abysmo* do orador
 Que citamos ha pouco...
 Todo o mundo
 Corria, como um louco,
 A entregar-lhe algúm fundo,
Que elle restituiria em duplicado
 Depois de o ter jogado,
 Ou então empregado

Em varias peripecias arriscadas :
 — Em criar umas Bolsas mallogradas,
 Em recarpinteirar vinte e um bancos,
 (Não sei se vinte e um, se vinte e dois)
 Já do principio mancos,
 Em jogar com os fundos hispanhoes,
 Em tomar, que sei eu ? cem mil acções,
 De varias companhias e empresas,
 Por artes de berliques e berloques,
 P'ra auxilio das industrias portuguezas,
 Taes como—de batoques,
 D' enxoframentos lá no alto Douro,
 D' esteiras e capachos,
 De phosphoros de pau e sem estouro,
 — Não contando com outros cambalachos.

E o dinheiro a correr-lhe p'ra a gaveta !

Todos qu'riam ser socios,
 Todos qu'riam ter parte nos negocios
 De Francisco Seniór.
 — Até parece pêta ! —
 Collocação melhor
 E tambem mais segura,
 No seu fraco juizo, em Portugal,
 Jámais podia achar o capital !

Côro dos socios:

Gloria a ti, ó financeiro,
Ó illustre Seniór,
Favorito do dinheiro,
De Mercurio successor !

És um sabio, és um propheta,
Tu adivinhas, prevês ;
Segues sempre em linha recta
Tendo a fortuna a teus pés.

Tu és um grande banqueiro,
Como não n'ò ha maior !
Gloria a ti, ó financeiro,
Ó Francisco Seniór !

Assim o accionista, assim o socio,
Que tinha confiado o seu dinheiro
Ao famoso banqueiro
P'ra negocio,
Cantava enthusiasmado esse portento
Erguido á mór altura,
Que lhe devia dar no fim do anno
Uns 90 por cento.

Um assombro de calc'lo e de finura !

. . .

Corria tudo alegre e em santa paz,
Aguardando o primeiro dividendo,
Quando zás,
Pataprás!
Catrapuz!
Se produz
Um ruído tremendo
D'uma casa
Que se arrasa!
Ah! que horror!
O pobre, desgraçado,
Francisco Seniór
... Tinha quebrado!!

. . .

Ouviu-se um grito immenso, desesp'rado...

E desde então o côro festival
Dos seus adoradores
Deu lugar a um berreiro sem igual,
Infernal,
Ao côro insofrido dos crédores!

O grande homem de tino,
Cantado no ant'rior sarapatel,
Era assim celebrado

(Salvo o erro, a musica é do hymno
Do senhor D. Miguel):

Coro dos ditos:

Sumiste o nosso dinheiro
Consumaste a empalmação!
Tu não és um financeiro,
Tu és um fino... ladrão!

Fóra, maroto!
Fóra, malvado!
Fóra, banqueiro
Desavergonhado!

. . .

Ora emquanto este côro se escutava
No meio de gemidos e soluços,
Por entre a confusão;
Elle quasi de bruços
No balcão
Co'um gesto resignado, humilde e manso,
Procedia ao balanço
D'aquella mercantil operação . . .

O PATO.

Uma folha archi-politica da capital, referindo-se á conjuncção dos partidos historico e reformista, disse (textual):

«Reuniram-se hontem os chefes dos dois partidos reformista e historico sob a presidencia do snr. F. para se occuparem do *pato* da Granja...»

— Mas que pato é esse ? onde está elle ? — perguntou um amigo nosso aos circumstantes, interrompendo a leitura—quem é elle ?

—Continúa;—disseram-lhe da banda—talvez que o noticiarista nos informe d'isso.

O nosso amigo proseguiu :

«Eleita a meza por aclamação, o digno presidente *deu conta do pato...*»

—É escusado mais! Por isso já se vê que o pato não podia apparecer... o presidente, *deu conta* d'elle.

Requiescat in pace.



EXPEDIENTE

Diversas causas se conspiraram contra o apparecimento do 1.º n.º d'esta publicação no dia marcado. Essas causas de puro expediente, acham-se removidas para futuro, devendo proceder-se à distribuição de cada numero até o dia 7 de cada mez.

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS

N'esta livraria encontram-se á venda todas as obras publicadas pela casa editora de **MATTOS MOREIRA & C.ª** de Lisboa, de que é succursal, bem como todos os compendios d'aula e grande variedade de livros francezes.

ORTIGÕES CHRONICA DO MEZ

PREÇO

Por assignatura	120 reis.
Avulso	180 reis.

Para as provincias accresce o porte do correio.